

MEL E POLINIZAÇÃO

Roberto Rodrigues *

Em tempos de promoção de produtos orgânicos, o mel se destaca por sua qualidade de adoçante natural.

De acordo com a FAO, nosso país é o nono maior produtor mundial, atrás de China, Turquia, Irã, Ucrânia, Rússia, Estados Unidos, Índia e México. Tendo em vista nossa enorme biodiversidade, seria de esperar que tivéssemos uma posição melhor. Os últimos dados globais de produção são de 2014, quando produzimos apenas 2% do total mundial, alcançando 38 mil toneladas.

E, segundo a TRADEMAP, em 2016 fomos também o nono exportador mundial. Mas, em um comércio mundial de cerca de 660 mil toneladas exportadas no ano passado, nossa parte foi de apenas 24 mil toneladas, menos de 4%, uma participação bem pequena.

Mas há um tema ainda mais importante do que a produção de mel, de cera ou de própolis: trata-se da polinização que insetos (principalmente as abelhas) realizam no campo, com significativos aumentos de produtividade.

Segundo Tereza Cristina Giannini, pesquisadora do ITVDS, recente revisão bibliográfica publicada na Revista Internacional Apidologie mostra que no Brasil cerca de 250 espécies de animais (dos quais 87% são abelhas) polinizam 75 culturas agrícolas. Destas, destacam-se a *Apis mellifera*, chamada abelha do mel ou africanizada, que poliniza 28 culturas e a irapuá, abelha sem ferrão que poliniza 10 culturas. Há outros insetos, entre os quais a jataí (abelha sem ferrão) e a mamangava, com relevante papel na polinização.

Certas culturas essenciais para a alimentação humana são polinizadas pelo vento, sem a ajuda de abelhas, como milho, trigo e arroz. No entanto, algumas plantas dependem essencialmente de polinizadores. Não é fácil calcular o valor da polinização para a maior parte das culturas comerciais que temos, mas há estudos indicativos a esse respeito. O Professor Adilson Dias Paschoal, da ESALQ/USP, estima em seu artigo "Aquecimento global, agrotóxicos e polinizadores" que "no Brasil o valor econômico da polinização seja de doze bilhões de dólares, equivalentes a 30% da produção das culturas agrícolas". Segundo ele, a polinização é essencial (90 a 100%) para o maracujá, a melancia, a acerola e o melão; é alta (40 a 90%) para maçã, pera, ameixa, pêssego, abacate, goiaba, girassol e tomate; é modesta (10 a 40%) para café, coco, canola, algodão e soja.

Mas mesmo modesta, dada a enorme importância da soja, do café e do algodão na nossa economia rural, não se pode desprezar o papel da polinização destas culturas. Há um processo de redução da população das abelhas no mundo, por fatores que ainda estão sendo avaliados, entre os quais estariam a perda de habitat, o uso inadequado de defensivos agrícolas e o aquecimento global. Daí a necessidade de mais estudos e trabalhos científicos que determinem o real efeito da polinização e de ações que a implementem.

A Abemel (Associação Brasileira de Exportadores de Mel) tem um amplo projeto nessa direção, incluindo a ideia de criação de "contratos de polinização" e, felizmente, a Embrapa-Soja, no Paraná, vem desenvolvendo pesquisas

qualitativas e quantitativas, sob a coordenação do celebrado pesquisador Decio Gazzoni, que orientarão tais ações. Afinal, não podemos esquecer a frase atribuída a Einstein: “ Se as abelhas desaparecessem da face da terra, a espécie humana teria somente mais 4 anos de vidas. Sem abelhas não há polinização, ou seja, sem plantas, sem animais, sem homens”. Ele pode não ter dito exatamente isso, mas que a vida no mundo seria muito diferente sem as abelhas polinizadoras, é incontroverso.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**